

# EMOÇÃO E PRÁTICA EDUCATIVA: FOTOGRAFIAS E RASTROS DA PÓS-MODERNIDADE

Allan Phablo de Queiroz<sup>1</sup>

**RESUMO:** A fotografia, enquanto um meio de congelamento de uma cena da realidade permite sempre vários olhares e várias interpretações. Porém, a visão que temos da fotografia, em papel, colorida ou preto e branco, a sensação é aquela que denota aquele sonhador desejo de profissionalismo e de esperança que a fotografia possa melhorar ou desejo de reprodução de tais obras antigas. Nosso trabalho quer ser uma tentativa de diálogo entre a vertente da arte da fotografia e a cabeça pensante de jovens comprometidos com a arte e com a curiosidade com a qual influem e com a qual investem na mesma, cheios de ideias e sonhos. Nossa metodologia foi o uso de entrevistas abertas e observação *in locus* com alunos do Projeto Educarte. Cruzando com a vertente de Bauman sobre os tempos pós-modernos, a fotografia desperta curiosidade pelos formatos de vanguarda, mesmo com a tecnologia em gritante processo de avanço e com as constantes mudanças na forma de ver e de assimilar conhecimentos. Os alunos nos deram respostas bastante amadurecidas e a teoria se mostrou solícita a atender os questionamentos que surgiram durante o processo de escrita.

**Palavras-Chave:** Fotografia; Emoções; Pós-Modernidade; Artes

## 1. INTRODUÇÃO

Antes de começar nossa discussão teórica, deixamos uma pergunta: “A fotografia é uma arte?” (KUBRUSLY, 1998, p. 11). A ação de fotografar pode simplesmente ser a atividade de gravar por meio de um jogo emaranhado de espelhos e lentes – também pela refração no escuro, reagindo com sais de prata – determinado momento da realidade em uma película fotográfica, porém, para o nosso entendimento, também pode ser a externalização de uma história ou de uma emoção por meio de uma imagem. Derivados da fotografia no século XIX e no século XX respectivamente, o cinema e a televisão exprimem bem os pontos de vista daqueles que fotografam ou pensam certa sequência de fotos em alta velocidade, chamado filme. Um dos nossos principais teóricos nos mostrou isso em seu texto:

A imagem da vida, na fotografia, e posteriormente no cinema e na televisão, torna mais fácil, para o homem comum, assumir a posição de espectador, levando-o a reconsiderar muitos dos valores estabelecidos. Trazendo-lhe em forma facilmente assimilável uma visão muito mais ampla de seu universo distribuindo mais democraticamente o conhecimento e o pensamento da humanidade. A imagem não está limitada pela barreira dos idiomas e da alfabetização. (KUBRUSLY, 1998, p. 12)

---

<sup>1</sup> Licenciado em Ciências Sociais pela UERN. Licenciando de Pedagogia pela UERN. Membro do Grupo de Pesquisa do Pensamento Complexo – GECOM/UERN. *E-mail:* allan\_shalom@hotmail.com

Levando-se em consideração que se a fotografia possui valor mercantil e é facilmente disseminada, então, ela é um tipo de arte. Uma arte que pode atravessar diversas fronteiras para além da imaginação da pessoa do fotógrafo. É quando nos damos conta de que a arte estando presente em nosso cotidiano, geralmente passa despercebida por entre as nossas emoções fluidas.

Em nossos dias, a arte começa a entrar em um túnel sem volta, descendo uma ladeira rumo à economia mercantilista e as emoções em um oceano sem retorno rumo à fluidez de sentimentos e relações tratadas como “investimentos”. Um processo permanente e constante de modernização e tecnologização do mundo e de “liquidez” das emoções e das relações afetivas. A troca do filme fotográfico pela memória de uma peça plástica do tamanho de uma unha, em vez de revelação em papel; a virtualização da imagem por meio da *internet* e de câmeras fotográficas que trazem a portabilidade de arquivos transferíveis digitalmente, porém pouco conforto em falta de detalhes palpáveis como a fotografia impressa em papel.

Assim como o processo de inserção do filme fotográfico em uma câmera, e o processo de revelação tradicional em papel, os processos de fotografia mudaram bastante devido ao contínuo processo de modernização e tecnologização dos termos da arte de fotografar. A esse processo, pelo menos à sua manifestação em nossos dias, damos o nome de pós-modernidade. A pós-modernidade, conceito desenvolvido pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman em muitos de seus livros, explica que as relações, as emoções, os laços afetivos e principalmente a coletividade estão ficando cada vez mais flexíveis (ou “líquidas”) e que, por conseguinte, o processo implacável de modernização da tecnologia joga à sociedade o aumento e o estímulo ao consumo, de modo que ele tende a ser um processo que se expande diante da movimentação do capital, que está sempre em giro, propiciando o campo de sua circulação. Porém, segundo um dos autores, nem tudo que é liquidez neste conceito é relativamente falta de solidez:

A liquidez, Bauman afirma, não seria oposta ao sólido, mas sim o efeito da busca pela solidez. Após perseguir a solidez por longos anos, a sociedade moderna chegou ao ponto em que percebeu a impossibilidade de alcançá-la. [...] Assim, o objeto a ser buscado passou da solidez absoluta para a solidez temporária, na qual a flexibilidade ocupa o papel de condição a ser perseguida. (SEWAYBRICKER, 2012, p. 91)

Grosso modo, a Modernidade Líquida representa a transição de um período em que há certa resistência a mudanças para outro em que as mudanças são desejadas. Há a transição dos laços sociais duradouros e das mudanças lentas

para laços sociais frágeis e identidades transitórias (RAY, 2007, p. 72)<sup>2</sup>. Essas características levam a um mundo de preponderante incerteza, planejamentos de curto prazo, gratificações imediatas, enfraquecimento das instituições e colapso das comunidades (JAY, 2010, p. 97)<sup>3</sup>. (Idem, p. 92)

Para Bauman (1998, p. 121), “o mundo pós-moderno é qualquer coisa, menos imóvel – tudo nele está em movimento constante – porém, tudo parece um movimento desordenado e aleatório, sem direção”. Isso é o que o move os tempos atuais em direção a um caminho – segundo ele – aleatório, sem direção certa, sem rumo aparente. O tempo também ficou mais passageiro e sua passagem quase que invisível aos nossos olhos, de modo que a “liquidez” do tempo também pode ser um dos motivos pelos quais a modernização avance mais depressa.

A adaptação da fotografia à rapidez e à agilidade dos tempos atuais, fato que a tecnologia exige, se apresenta hoje como um meio de definir presenças com pessoas conhecidas e desconhecidas, de guardar memórias virtuais, de se sentir um afã de desejo de externar sentimentos e principalmente, um meio de guardar momentos – que é a missão primordial da fotografia. Originalmente fabricadas por uma reação química em película escura para depois passarem por outra reação e ficarem eternizadas em papel, hoje elas passam por um procedimento advindo de comandos de microchips e telas virtualmente pequenas, teoricamente registrando memórias de igual maneira.

Como a fotografia – ao nosso trabalho acima de tudo – é emoção externada, pensamos em discutir também rapidamente a emoção enquanto fato social. Externada originalmente como satisfação diante daquilo que realmente importa para si, e mais ainda, como resultado de uma tentativa de transmissão de emoções e sentimentos através de uma imagem congelada no tempo. Segundo Coelho, a emoção é uma construção natural, porém edificada pela cultura e pelo contexto da mesma.

“[...] o indivíduo possui “disposições inatas”, que podem ou não ser acentuadas pela cultura na qual ele nasce. Com essa ideia, percebe-se uma concepção mais essencializada das emoções, que pertenceriam à natureza de cada indivíduo, mas seriam moldadas – acentuadas ou afastadas – culturalmente. Em outras palavras, embora sua origem esteja fora da cultura – em disposições inatas do indivíduo – as emoções são, ainda assim, elementos padronizáveis que ganham matizes distintos, de acordo com cada contexto cultural.” (COELHO, 2011, p. 12)

---

<sup>2</sup> RAY, L. J. **From postmodernity to liquid modernity: What's in a metaphor.** In: ELLIOT, A. (ed.) *The Contemporary Bauman*. Abington: Routledge Taylor & Francis, 2007, p. 63-80.

<sup>3</sup> JAY, M. **Liquid Crisis: Zygmunt Bauman and the incredible lightness of modernity.** In: *Theory, Culture & Society*, vol. 27, n. 6, p. 95-106, 2010.

A emoção que se externa em uma fotografia leva em sua realização a história de um momento, a recordação sentimental de tal e a configuração emocional de uma cena que repercutirá congelada na mente de quem a verá. No *locus* em questão, notamos durante o projeto que ambos os elementos eram visíveis, tanto a transmissão quanto a recepção, pois os informantes também exibiram suas fotos ao público. Ocorreram exposições e nas exposições que

“[...] haveria um princípio, de acordo com o qual os elementos culturais estariam organizados em padrões coerentes e variáveis entre os grupos sociais, ou seja, as configurações de cultura “condicionam as reações emocionais e cognitivas de seus portadores, de forma que estas se tornam incomensuráveis” (Idem, p. 12)

## 2. METODOLOGIA

Utilizamos como *locus* para nossa pesquisa a Escola Municipal Joaquim Felício de Moura, localizada no bairro Santo Antônio em Mossoró. Fizemos uma amostragem de sete alunos em entrevistas abertas realizadas no próprio ambiente. Para facilitar o trabalho de transcrição das respostas, foram gravadas imagens para notar também as expressões deles em relação ao que estavam respondendo. Para nosso trabalho, tomamos como base a modalidade das artes visuais, e mais especificamente a fotografia. Nossos alunos trazem o germe dos tempos modernos, tais como a adaptação rápida à tecnologia, porém alguns não deixam de nos surpreender com visões de maturidade a partir do que entendem pela observação de fotos antigas. Algo que nos surpreendeu durante a aplicação da metodologia foi o fato de que embora afeiçoados com a tecnologia, eles não escondem uma saudade do passado que não presenciaram.

Pensando nesses avanços, o Projeto Educarte nos foi bastante propício para tecer uma discussão acerca do aprendizado dos alunos que dele participam. Algo como uma espécie de escola de artes integrando a universidade e a educação básica da cidade. O projeto, iniciativa da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) da UERN em Mossoró em parceria com a Prefeitura do município, remunera estudantes bolsistas da instituição acima citada integrando a educação que se volte para a arte e que prenda os alunos das referidas escolas em horários extracurriculares.

Segundo Náder (2014, p. 191-192), a educação para a arte se orienta originalmente com profissionais formados em educação artística, mas como os bolsistas

em geral não têm formação na área artística, muito do que se ensina dentro do programa está disposto nas medidas e nas diretrizes do Plano Nacional de Cultura (PNC).

O projeto apresenta quatro vertentes principais: Música, Artes Visuais, Teatro e Dança. O projeto visa uma contribuição dos pais e o envolvimento dos alunos para com eles e os conteúdos, o que nos proporcionou uma visão um pouco mais dialógica da arte como um todo e não fragmentadas.

As teorias que usamos também demonstraram estar bem ao lado do que pretendíamos mostrar. Bauman e Seawaybricker e a noção de modernidade líquida nos foram ponto de apoio para exemplificar porque os tempos estão correndo cada vez mais depressa. Utilizamos algo da área da Fotografia como Kubrusly para um preâmbulo a grosso modo sobre a arte do registro de imagens; E por último, utilizamos alguns teóricos sociais e antropológicos como Coelho e Mauss para falarmos sobre as emoções em nosso mundo e como elas se manifestam atualmente.

### **3. A FOTOGRAFIA COMO EMOÇÃO**

As artes na pós-modernidade ganharam ares de virtualidade, cores, forma, movimento, tridimensionalidade, porém os tempos pós-modernos nos mostram que a aceitação pressupunha um entendimento e uma consideração, alternando a visão dos princípios psicológicos de reconhecimento e da aceitação.

O paradoxo da vanguarda, portanto, é que ela tomou como sucesso o signo do fracasso, enquanto a derrota significasse, para isso, uma confirmação de que estava certa. A vanguarda sofria quando o reconhecimento do público era negado – mas ainda se sentia mais atormentada quando a sonhada aclamação e o aplauso surgiam finalmente. (BAUMAN, 1998, p. 125)

Paradoxo intrigante para a nossa pesquisa, onde os aplausos pressupõem a exposição de alguma coisa, e atualmente as fotos estão tão virtuais que talvez não transmitam tanto a sentimentalidade que transmitiam há algum tempo quando ainda era preciso o processo de impressão das mesmas em papel. Talvez por força maior de mercado do virtual ou da rentabilidade maior de economia financeira o “evitar” do processo.

O poder estratificante pertence hoje, não tanto às criações artísticas, quanto ao local em que são contempladas ou compradas. A esse respeito, porém, as obras de arte não diferem de outras utilidades mercáveis.” (Idem, 1998, p. 128)

Porém, mesmo para Bauman, a evolução das câmeras, do produto impresso para o virtual, dos filmes para os cartões de memória não se trata só de conversa mercantil e sim de uma condição imposta pelo andar dos tempos na pós-modernidade, que se faria um processo lento, porém irreversível de perda gradativa do diálogo das artes que se tornam clássicas com a utilidade rapidamente substituível e flexível da tecnologia.

“As artes pós-modernas alcançaram um grau de independência da realidade não-artística com que seus antecessores modernistas só podiam sonhar. Mas há um preço a ser pago por essa liberdade sem precedentes: o preço é a renúncia à ambição de indicar as novas trilhas para o mundo. Não se trata, para as artes, de perder a sua “utilidade social”, genuína ou putativa.” (Ibidem, p. 129)

Percebemos isso com os alunos que entrevistamos. Realizamos as entrevistas no dia 7 de abril de 2014, ao anoitecer sob o clima frio de uma chuva amena. Apenas 8 perguntas que se fizeram em alguns minutos. Para eles, o clima descontraído permitiu que soltassem mais nas respostas. Pudemos observar o clima de observação por parte deles enquanto realizávamos a gravação de imagens para transcrição de suas falas. Algumas dessas falas chegaram também a nos surpreender, pois achávamos que apenas iriam dar respostas curtas e sem muito aprofundamento, mas demonstraram maturidade naquilo que responderam. Diante de seus rostos e gestos inquietos, a filmadora registrou todos os seus trejeitos e olhares que a todo momento insistiam em revelar algo mais para a câmera e para os olhos que lançavam perguntas uma atrás da outra.

Desejávamos começar sua análise por uma pergunta categórica: “o que a fotografia os inspirava?”. A maioria ficou perplexa e nervosa diante de tal pergunta, porém conseguiram nos dar respostas satisfatórias quanto ao que queríamos saber. A maioria concordou que abre horizontes para um olhar diferente do mundo, abrindo sentimentos de felicidade, de humildade, de desapego das coisas materiais. Abre também uma curiosidade maior para a perfeição fotográfica em caminhos de uma profissionalização mais efetiva em relação às fotos que eles conseguem realizar.

A segunda pergunta questionava-os sobre o que sentiam quando suas fotos atingiam a perfeição da transmissão do real motivo por trás de sua realização. A emoção percebida durante as filmagens em entrevista nos permitiram ver que se tratava de expressão uniforme e consonante. Muitos deles responderam que sentem emoções como ansiedade, felicidade, satisfação, porém muitos deles também deram o passo importante. Assumiram que assim como o congelamento de uma cena naquela foto impressa ou virtual, o mundo também parecia parar congelado diante deles. O ato de ver seus

trabalhos sendo reconhecidos pode parecer banal, porém para fotógrafos com um nível de profissionalismo mediano como eles que ainda estão começando, isso é uma emoção sem precedentes, além de ser uma experiência de autodescobrimento de suas habilidades artísticas. No Projeto Educarte também houve durante algum tempo uma certa rotatividade entre as modalidades – aluno mudando de música para artes visuais, de dança para teatro etc – e assim, muitos deles estão descobrindo seu real lugar no projeto, porém já exprimem desejo de profissionalização, o que não obviamente não os deixa em situação contrária à que desejam.

A terceira pergunta os questionava sobre manusear fotos antigas, sejam elas em sépia, em preto-e-branco. Notamos interessantes percalços a partir das falas deles, onde a maioria observou mais o lado da profissionalização dos fotógrafos para realiza-las do que propriamente dito a emoção capturada. Um deles afirmou que “o fato de poder ser realizada a comparação com os diferentes métodos de fotografia em qualquer época e em qualquer tempo”. Um deles também afirmou que seria interessante internalizar a emoção do fotógrafo ao tirar aquela foto ao olhar uma foto antiga. De fato, para alguns deles em suas respostas, o manuseio de uma foto antiga provoca uma nostalgia que abre um leque de memórias para a história de vida para quem pertence o papel da fotografia.

Na quarta pergunta, questionamos o poder de transformação de olhar que a fotografia proporciona. A maioria deu sinal que sim. Poucos se aventuraram a dar respostas maiores que um simples “sim”, porém destes obtivemos respostas que chamaram atenção. Um deles nos respondeu que “os detalhes de uma foto permitem ver uma coisa que no momento de realização da foto não permitiu”. Outro, que participa há pouco tempo das aulas desta modalidade, porém que já consegue traçar um panorama acerca da fotografia, nos explicou que “pode conhecer povos, culturas, lugares, ultrapassar fronteiras que a simples menção das dificuldades da vida e de mobilidade poderiam colocar para eles. O que é interessante, se pensarmos no ponto de vista de que a fotografia desde sempre foi utilizada como forma de mostrar o que outras pessoas não podem ver com sua presença, sendo às vezes mais fiel do que uma pintura por exemplo. Os jornais e as revistas são os melhores exemplos desse uso mercadológico da fotografia:

Por mais que um negativo possa ser copiado indefinidamente, só a reprodução gráfica, a fúria das rotativas que cospem milhares de fotos por hora, transformou, definitivamente, a fotografia num produto de massa. Nas páginas dos jornais e revistas, a fotografia encontrou um caminho aberto para invadir ainda mais nossas vidas. (KUBRUSLY, 1998, p. 72)

Na quinta questão, questionamos sobre o que eles sentiam ao ver uma foto impressa em papel. É aí onde entra o lado do mercado, porque atualmente, a febre do “compartilhamento virtual” tomou conta do ramo da fotografia não profissional, o que tende também a chegar aos “do ramo”. Muitos respondem que este fato possibilita uma visão de mundo mais voltada à compreensão dos processo pela qual ela passou para ser impressa (processos fotomecânicos) e para a observação dos detalhes que uma foto impressa permite perceber. Um deles apontou que a sensação diante de uma foto impressa seria inexplicável. Preferimos manter uma opinião neutra ao assunto, não sem antes já temer um juízo de valor, porém apenas reproduzimos sua opinião.

Na sexta questão, questionamos o que os levava mais a fotografar, a razão ou a curiosidade. Confessamos, houve alguns problemas quanto à interpretação de tal pergunta, porque muitos respondiam que a curiosidade lhes motivava a conferir o resultado de tal nova tentativa de fotografia, outros que a razão lhes levava a acreditar na curiosidade, e ainda um que quase disse que eram as duas que lhe motivavam, pois primeiro respondeu que a razão lhe motivava a aprender mais e depois, a curiosidade lhe atiçava a operar a máquina. Porém um deles se sobressaiu. Na verdade, a questão foi montada como uma tentativa de pegadinha para os informantes, visto que o último a ser entrevistado nos deu exatamente a resposta que se esperava logicamente da questão.

No meu caso os dois, a curiosidade de ver como as coisas ficariam no modo da fotografia ao ver o tempo parado naquele mesmo instante e a inteligência para tirar a foto no melhor ângulo possível. *(Fala de um dos entrevistados).*

Este entrevistado, que a princípio, acreditávamos, iria dar respostas curtas e diretas – o que realmente ele fez durante toda a pesquisa – foi de todos o mais conciso em suas respostas. Muitos imaginam que a fotografia é simplesmente uma ação de apertar um botão e esperar que o jogo de espelhos faça seu trabalho. Porém, pedimos por último para que comentassem a melhor foto que eles haviam tirado. Vimos em seus depoimentos que algumas das fotos parecem não oferecer pontos de vista muito coerentes com relatos de fotos profissionais, porém para eles, são carregadas de sentidos e de explicações que nenhuma outra pessoa talvez visse à primeira vez com o mesmo propósito. Abaixo, as que achamos mais pertinentes à discussão aqui construída sobre a demonstração externa de sentimentos.

Foi ontem, a fotografia que eu tirei do meu primo, ele olhando para o pai dele saindo de casa, e deu para ver que no olho dele estava um olhar vazio, um



olhar triste. Eu fotografei essa foto e publiquei ontem mesmo. *(Fala de um dos entrevistados)*

Na casa de um amigo meu, que a gente tava procurando tirar foto e tal, a gente foi pra calçada, conseguimos tirar umas fotos boas, mas teve uma de um passarinho “massa que só”. *(Fala de um dos entrevistados)*

Foi que eu tirei de uma poça d’água que refletiu uma árvore. Achei muito “massa”, assim. [...] *(Fala de um dos entrevistados)*

Foi quando meu primo conheceu a praia pela primeira vez, o olhar dele próximo ao público foi tão lindo que transmitiu emoção pra todas as pessoas, eu até chorei no caso. *(Fala de um dos entrevistados)*

Esses poucos relatos nos permitem entrever que para eles, a fotografia fala não só por si, porém em relação à alteridade que se manifesta em espontaneidade quando se realiza a foto. Segundo Mauss (2013, p. 326), a demonstração externa dos sentimentos físicos às vezes é marcado – como nas tribos rústicas – “pela obrigatoriedade de um rito ou de uma exigência coletiva” aderindo à não-espontaneidade, a foto – principalmente a ocasional – nasce exatamente deste estado de procura e encontro com a realidade congelada por meio de um jogo de espelhos emaranhados e uma placa de memória que captura uma imagem em *bits* de computador rumo a um cartão de plástico (ou em reação com cristais de sais de prata em uma película fotográfica).

A emoção que eles mencionam em suas respostas e externam na prática de seus exercícios em aula, é fotografar a natureza, em sua mais completa diversidade, em sua mais dispersas opções de fenômenos e em sua micro e macroscópica complexidade. O que já chama a atenção, porque sua opção, frente à uma realidade intrigante exterior à escola, no bairro Santo Antônio, nos deixa a pensar nos fatos que os rodeiam. É um paradoxo que nós, instrutores tentamos entender com eles. Por isso, estamos sempre prestando atenção ao que eles fazem, ao que nos perguntam, no que nos desafiam e em que estão pensando.

## **CONCLUSÃO**

Levando em conta que a emoção é uma reação natural, porém moldada culturalmente, o sentimento que eles revelam é ao mesmo tempo intrínseco e ao mesmo tempo, desejosos de repassar tais valores e tais reações aos que contemplam seus trabalhos.

“Não é somente tal ou tal expressão de sentimento, tal ou tal atividade intelectual que supõe a coordenação destes três elementos: o corpo, a consciência individual e a coletividade; é a própria vida, é o homem todo, é sua vontade, seu desejo de viver ele mesmo a sua vida, que devem ser considerados do ponto de vista dessa trindade.” (MAUSS, 2013, p. 334)

O ser humano é dotado de emoção e de sentimentos, sejam eles naturais (conforme citado acima) ou como tendo características que denotam sua construção cultural. No caso dos entrevistados, eles demonstraram aquilo que sabiam e que tinham em sua mentalidade de iniciantes na fotografia.

Os alunos que entrevistamos demonstraram total interesse pela arte que estão treinando, vimos isso em suas respostas, em seus gestos, em sua ansiedade pelas perguntas que eram disparadas e percebemos que tocamos pouco na questão da pós-modernidade, porém eles mesmos nos forneceram respostas contundentes para o que queríamos saber, se os tempos estão se movendo mais depressa ou se o mundo é que está em busca da solidez que achamos ter perdido. O ensino volta à baila nestas perguntas, porém são as respostas que impressionam pela solidez que demonstram pela maturidade que eles nos apresentaram. Fotos antigas podem até ser portais par ao passado, fotos em papel podem revelar mais detalhes do que fotos virtuais e câmeras atualmente podem não ter mais tanto os processos fotomecânicos de gravação por meio da luz em película fotográfica, porém a pós-modernidade ainda deixa a saudade de um tempo em que fotografar era mágico. Era um momento único, capturando outro momento único.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **O mal estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro, Zahar, 1998.

COELHO, Maria Cláudia. REZENDE, Cláudia Barcellos (orgs.). **Cultura e sentimentos: ensaios em antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: Contra Capa/FAPERJ, 2011.

KUBRUSLY, Márcio A. **O que é fotografia**. 4 ed. 1 reimp. São Paulo: Brasiliense, 1998. (Coleção Primeiros Passos, v. 82)

MAUSS, Marcel. **A expressão obrigatória dos sentimentos**. In: \_\_\_\_\_. **Ensaio de Sociologia**. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2013. (pp 325-335). (Coleção Estudos, v. 47).

NÁDER, Alexandre Milne-Jones. QUEIROZ, Allan Phablo de. FARIAS, Bruno Caminha. FERNANDES, Edja Lemos. RÔMULO, Railton. **Educando através da arte:** O programa Educarte e sua contribuição para o ensino de artes na rede municipal escolar de Mossoró. In: *Extendere*. Mossoró, v. 2, n.1, p. 189-201, jan./jun. 2014.

SEWAYBRICKER, Luciano Espósito. **A felicidade na sociedade contemporânea:** contraste entre diferentes perspectivas filosóficas e a modernidade líquida. (Mestrado em Psicologia). São Paulo: Departamento de Psicologia da USP, 2012 (Dissertação) (p. 85-140).